



Vanessa Santos do Canto

O devir “mulher negra”

Subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Denise Pini Rosalem da Fonseca

Co-Orientador: Prof. Giuseppe Mario Cocco

Rio de Janeiro

Junho de 2009



Vanessa Santos do Canto

O devir “mulher negra”

Subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Denise Pini Rosalem da Fonseca

Orientadora

Departamento de Serviço Social - PUC-Rio

Prof. Giuseppe Mario Cocco

Co-Orientador

Escola de Serviço Social - UFRJ

Prof^a. Ilda Lopes Rodrigues da Silva

Departamento de Serviço Social - PUC-Rio

Prof. Nizar Messari

Vice-Decano de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de junho de 2009

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Vanessa Santos do Canto

Graduada em Direito pela PUC-Rio em 2006 e pós-graduada em Serviço Social pela mesma instituição em 2009. Áreas de interesse são Direitos Sociais, Relações de Trabalho, Estudos de Gênero, Raça e Cultura.

Ficha Catalográfica

Canto, Vanessa Santos do

O devir “mulher negra”: subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo / Vanessa Santos do Canto ; orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca ; co-orientador: Giuseppe Mario Cocco. – 2009.

171 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Serviço Social)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Inclui bibliografia

1. Serviço Social – Teses. 2. Devir “mulher negra”. 3. Gênero. 4. Setor bancário. 5. Subjetividade. 6. Resistência. 7. Identidade. I. Fonseca, Denisi Pini Rosalem da. II. Cocco, Giuseppe Mario. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Dedico este trabalho às mulheres mais importantes da minha vida:
Minha mãe Natalina que sempre me incentiva;
Minhas irmãs e amigas Alessandra e Karla;
Minhas sobrinhas Luana e Beatriz, motivos de alegria e orgulho.

Ao meu sobrinho recém-nascido Gabriel, que espero seja educado em uma perspectiva que o ensine a respeitar a diferença.

À minha avó materna Almerinda (*in memorian*);

Finalmente, uma dedicatória muito especial à bisavó Santinha (*in memorian*) e à avó Jurema (*in memorian*) que, com suas trajetórias, despertaram em mim um espírito crítico e o inconformismo com a dura realidade vivida pela maioria das “mulheres negras” nesta sociedade profundamente marcada pelo racismo e pelo sexismo.

Agradecimentos

Finalmente, consegui terminar... E, durante este processo muitas foram as pessoas que contribuíram de alguma forma, para a concretização deste trabalho. O caminho foi duro, mas muito produtivo e gratificante. Um processo em que aprendi um pouco mais, a lidar com as multiplicidades e todas as coisas que delas decorrem...

Assim, agradeço:

À Coordenação da Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social pela oportunidade de poder realizar esta pesquisa que espero possa contribuir para os debates acerca da questão social no Brasil.

À minha orientadora Denise Pini Rosalém da Fonseca, que foi extremamente receptiva ao tema, sempre demonstrando respeito e abertura à perspectiva teórica aqui adotada e, ao Prof. Giuseppe Cocco, sempre muito gentil, forneceu-me valiosas informações bibliográficas, tanto nas aulas sobre movimentos sociais e trabalho na Escola de Serviço Social da UFRJ quanto em outros eventos acadêmicos dos quais pude participar.

Às professoras Ilda Lopes e Leonora Corsini que tiveram uma importante participação neste processo. Agradeço, principalmente por aceitarem participar da minha banca de qualificação praticamente às vésperas do Natal, realizando sugestões e críticas extremamente importantes para a redação desta dissertação.

À professora Sueli Bulhões, que foi muito acolhedora e possibilitou muitas trocas na disciplina de Violência, Cidadania e Serviço Social. Ao Professor Antônio Carlos pela supervisão durante a realização do estágio docência.

À CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual certamente teria sido extremamente difícil realizar esta empreitada.

À Coordenação Central de Pós-Graduação da PUC-Rio pelos recursos liberados para participação em eventos que muito contribuíram para meu amadurecimento acadêmico.

À secretária Joana, pelo carinho e atenção com que sempre atendeu às inúmeras demandas apresentadas durante o período em que fiz parte do corpo discente da

Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social.

Aos integrantes do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro que me receberam com muita gentileza. Especialmente, à Jaqueline do Setor de Formação que me possibilitou entrar em contato com as mulheres negras entrevistadas. Estas que são o principal foco de atenção deste trabalho.

Ao meu pai, com quem aprendi a superar desafios e a nunca desistir de um objetivo, ainda que as barreiras pareçam intransponíveis.

Às queridas amigas que já acompanham minha trajetória “desde outros carnavais” e agüentam minha tendência ao ostracismo com carinho e “alguns puxões de orelha”, especialmente à Ana Lúcia, amiga-irmã, à Viviane, pessoa querida e à Bianca Aguiar, com seu espírito crítico e sincero.

À Helena e Juliana da equipe do FESP da PUC-Rio pelo incentivo e apoio sempre dispensados.

À Jocelene Ignácio que, por sua personalidade, ativismo político e apoio, mesmo em pouco tempo, já conquistou um espaço no meu rol de amizades.

Aquelas/es que compõem minha turma de mestrado, que apesar das divergências de experiências pessoais e profissionais e de convicções teóricas, foram muito importantes nesta trajetória.

Em especial à Caroline Fernanda, Adriana Severo, Jussara Francisca, que, a partir das experiências compartilhadas, suscitaram reflexões importantes sobre companheirismo, amizade entre mulheres negras no mundo acadêmico.

Muito obrigada!

Resumo

Canto, Vanessa Santos do; Fosneca, Denise Pini Rosalem da. **O “devir mulher negra”: subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo.** Rio de Janeiro, 2009. 171p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O setor bancário brasileiro é um dos mais dinâmicos do mundo e se constituiu em um pilar consistente de direitos vinculados ao emprego, e com um sindicato bastante atuante. Porém, a crise do capitalismo tem sido apontada como a principal causa da perda de suas bases de atuação. Além disso, observa-se que a emergência de demandas por direitos pautados em processos identitários de gênero e étnico/raciais convivem com a antiga subjetividade da categoria ainda presa aos padrões desenvolvimentistas. Neste sentido, o presente trabalho apresenta algumas reflexões acerca da inserção profissional das “mulheres negras” no setor bancário. Aborda o enfraquecimento da relação salarial, sobretudo, a partir dos avanços tecnológicos e dos processos de terceirização, bem como as possibilidades de resistência e os modos de subjetivação desenvolvidos neste contexto. Neste sentido, a questão do sujeito na contemporaneidade é de suma importância e se relaciona diretamente às questões relativas ao papel desempenhado pela identidade no processo de ação política das “mulheres negras”. Destaca-se, ainda, que tal processo não deve ser visto de maneira deslocada das transformações que marcam o mundo do trabalho contemporâneo, mas que se relacionam de maneira intrínseca com o novo modo de organização do capitalismo. A reflexão aqui proposta tem por fundamento o fato de que no mesmo momento em que as questões relacionadas a gênero e raça ganham maior visibilidade na sociedade brasileira, sobretudo a partir da promulgação da Constituição da República de 1988, a globalização atinge o país com toda vitalidade. Compreender tais transformações se torna essencial para apreender as novas dinâmicas sociais que se estabelecem, buscando contribuir para a abordagem acerca da questão racial e das relações de gênero que têm sido cada vez mais debatidas e ampliar os estudos específicos sobre as “mulheres negras” no Brasil.

Palavras-chave

Devir “mulher negra”; gênero; setor bancário; subjetividade; resistência; identidade.

Abstract

Canto, Vanessa Santos do; Fonseca, Denise Pini Rosalem da (Advisor). **The becoming “black woman”: subjectivity and resistance during the capitalism crisis.** Rio de Janeiro, 2009. 171p. MSc. Dissertation - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Brazilian banking sector is one of the most dynamic in the world and has been established as a consistent pillar of rights linked to employment and with a very active syndicate. However, the crisis of capitalism has been pointed as the main cause of the lack of their bases of acting. Beside this, we notice that the demands emergence for rights, ruled in cases of gender identity and ethnic / racial, cohabit with the category subjectivity which are still attached to the developmental standards. In this sense, this paper presents some reflections about professional insertion of "black women" in the banking sector. It's about the debility of connection income, especially since the technological advances and the outsourcing processes, as well as the resistance possibilities and the ways of subjectivity expanded in this context. Thus, the question of the subject in contemporary society is of extreme importance and it is directly related to issues about the role played by identity in the process of political acting of "black women". We can also put it in evidence that this process should not be seen so disjointed to the changes that mark the work world, but which is connected intrinsically to the new form of Capitalism organization. The idea proposed is based on the fact that, at the same time, the issues related to gender and race gain a larger visibility in Brazilian society, mainly up to the 1988 Constitution promulgation. So globalization affects the country with its total vitality. To understand such changes, it becomes essential to learn the new social dynamics which are settled in order to contribute to the discussion about the racial theme and the gender relations that have been more and more discussed. Therefore, expand the scientific studies about "black women" in Brazil.

Keywords

Becoming “black woman”; gender; banking sector; subjectivity; resistance; identity.

Sumário

1 Introdução	17
2 Feminismo, gênero, <i>devir “mulher negra”</i> e mulheres negras: algumas considerações importantes	31
2.1. Breve histórico do feminismo: trajetória e rupturas de um debate político	32
2.2. Articulando mente e corpo: teoria feminista e gênero, ou uma análise do poder	40
2.3. Gênero ou <i>devir “mulher negra”</i> ? Questões ontológicas e epistemológicas	47
2.3.1. Por que não gênero? Possibilidades e limites de uma categoria	48
2.3.2. Uma questão ontológica: ser ou tornar-se “mulher negra”? Ou do <i>devir “mulher negra”</i>	54
2.3.3. Uma questão epistemológica: <i>devir “mulher negra”</i> enquanto categoria de análise	60
2.4. Mulheres negras no Brasil: O que querem?	67
2.4.1. Mulheres negras, <i>devir “mulher negra”</i> e identidade: rizoma ou radícula?	70
2.4.2. Racismo e identidade: para além do meramente cultural	77
2.4.3. Mulheres negras e trabalho: muito mais do que um desejo de “sair”	82
3 O setor bancário a partir da década de 1990: a nova crise do capitalismo e seus efeitos no setor	86
3.1. Dos aspectos objetivos: a reestruturação bancária	87
3.2. Dos aspectos subjetivos: a fragmentação da categoria bancária, ou da crise da “antiga” subjetividade	92
3.3. Trabalho imaterial: um “outro olhar” sobre o capitalismo cognitivo	97
3.3.1. Características do capitalismo cognitivo: a nova grande transformação	99
3.3.2. Trabalho imaterial e a materialidade do trabalho: retomando um debate	103
3.3.3. O trabalho bancário na contemporaneidade: da disciplina ao controle	108

3.3.4. Captura dos afetos: a importância do trabalho das mulheres	114
4 Mulheres negras, racismo e identidade: qual é a sua relação com o setor bancário no município do Rio de Janeiro?	120
4.1. O setor bancário e o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro: um pouco de história	121
4.2. Das mulheres negras no setor bancário: ainda o racismo e o sexismo?	124
4.3. Uma análise do discurso de mulheres negras	133
4.3.1. As mulheres negras entrevistadas	136
4.3.2. Qual subjetividade?	138
4.3.3. Que resistência?	140
5 Considerações finais	145
6 Referências bibliográficas	152
7 Anexos	165

Lista de siglas e abreviaturas

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal - para o Ensino Superior
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e - Desigualdades
CGROS	Comissão de Gênero, Raça e Orientação Sexual
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CMN	Conselho Monetário Nacional
CNB-CUT	Confederação Nacional dos Bancários
CNCDR	Comissão Nacional de Combate à Discriminação Racial
CONTRAF-CUT	Confederação Nacional dos Trabalhadores do Setor Financeiro
COORDIGUALDADE	Programa de Promoção da Igualdade de Oportunidades para Todos
CRFB/88	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
FEBRABAN	Federação Brasileira dos Bancos
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
GRPE	Programa de Gênero, Raça, Pobreza e Emprego
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPT	Ministério Público do Trabalho
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PRT/1ª REGIÃO	Procuradoria Regional do Trabalho da Primeira Região
SBMRJ	Sindicato dos Bancários do Município do Rio de Janeiro
SEDH	Secretaria Especial de Direitos Humanos
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres
UNIFEM	Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

Lista de tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos Empregados em Bancos, por sexo no Brasil – 2002-2003-2006

Tabela 2 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Faixa de Idade e Sexo no Brasil - 2003

Tabela 3 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Grau de Instrução e Sexo no Brasil 2003

Tabela 4 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Categorias e Sexo no Brasil - 2003

Tabela 5 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Gênero e Raça no Brasil-2003

Tabela 6 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Tempo de Casa e Sexo no Brasil – 2003

Tabela 7 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Sexo e Lotação por Dependência no Brasil- 2003

Tabela 8 - Distribuição dos Demitidos por Sexo e Lotação por Dependências no Brasil - 2003

Tabela 9 - Distribuição dos Empregados em Bancos por Grau de Escolaridade, Sexo e Cor/Raça no Brasil- 2003

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos Empregados nos Serviços Bancários, por Raça - Janeiro de 1998 a Julho de 2000

Gráfico 2 - Distribuição percentual das Mulheres “Não-Brancas” nos bancos, por categorias Brasil- 2003

Gráfico 3 - Distribuição Percentual dos Homens “Não-Brancos” nos bancos, por categorias - Brasil- 2003

... O importante é procurar estar atento aos processos que estão ocorrendo dentro dessa sociedade, não só em relação ao negro, ou em relação à mulher; você tem que estar atento a esse processo global e atuar no interior dele para poder efetivamente desenvolver estratégias de luta.

Em termos de movimento negro e no movimento de mulheres negras se fala muito em ser sujeito da própria história; nesse sentido, eu sou mais lacaniana, vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo. Não é fácil, só na prática é que vai se percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também, é justamente de uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída numa dialética muito rica.

(Lélia Gonzalez, 2000)